

# **OS SONETOS DE SHAKESPEARE: ESTUDO COMPARATIVO DAS PERDAS E GANHOS DAS DIFERENTES ESTRATÉGIAS TRADUTÓRIAS**

**Aluno: Débora Landsberg**  
**Orientador: Paulo Henriques Britto**

## **Introdução**

Durante muito tempo, as traduções de poesias foram avaliadas de forma subjetiva, considerando-se somente as mudanças semânticas vistas quando da leitura do poema original e, simultaneamente, de sua tradução. Portanto, o que mais contava para a aprovação ou reprovação de uma tradução era o gosto do leitor. Na tentativa de verificar a qualidade de traduções poéticas, alguns tradutores, como Augusto e Haroldo de Campos, buscaram encontrar formas mais objetivas de compará-las. Trilhando o caminho iniciado por seus predecessores, Paulo Henriques Britto propõe, em seus artigos “Para uma avaliação mais objetiva das traduções de poesia” e “Fidelidade em tradução poética: o caso Donne”, uma avaliação de traduções poéticas baseada na contabilização de mudanças rítmicas, lexicais, sintáticas e semânticas. Assim, cria-se uma espécie de placar, em que cada modificação implica uma perda de ponto por parte do tradutor.

Antes de prosseguirmos com a análise, é necessário esclarecer que o sistema de versificação do inglês é diferente do método usado no português. Em inglês, a unidade prosódica é o pé, que contém um determinado número de sílabas; no pé típico, há apenas uma sílaba acentuada. O verso mais utilizado por Shakespeare, o pentâmetro jâmbico, é composto por cinco pés, sendo cada pé um jambo — uma sílaba átona seguida de uma acentuada. Já na poesia de língua portuguesa, os versos são divididos em sílabas, sendo algumas acentuadas e outras átonas. Como no pentâmetro jâmbico temos cinco pés de duas sílabas cada, há uma arraigada crença entre tradutores e acadêmicos de que os poemas de língua inglesa escritos em pentâmetros devem ser traduzidos em decassílabos, mantendo-se assim a equivalência formal. Porém, muitos tradutores escolhem o verso alexandrino, sob a justificativa de que o idioma inglês é muito mais conciso do que o português e, portanto, para expressar todas as idéias contidas no original — isto é, para que haja equivalência semântica — seria necessário usar versos mais compridos. A partir desse ponto, algumas questões se impõem: o mais importante numa tradução poética é a correspondência formal ou a semântica? Seria necessário escolher uma das duas, ou ambas podem ser atingidas?

Com o intuito de averiguar, segundo um método relativamente objetivo de análise poética, qual a melhor forma de traduzir pentâmetros do inglês para o português, foram selecionados alguns sonetos de William Shakespeare, com suas respectivas traduções em decassílabos e dodecassílabos. Num primeiro momento, cada tradução foi analisada separadamente. Em seguida, comparou-se a tradução ao original. Ao final do estudo, as traduções foram comparadas entre si e, assim, concluiu-se qual o tipo de versificação mais adequado para a tradução de pentâmetros jâmbicos ingleses.

## **Soneto I**

Para o soneto I de Shakespeare, foram escolhidas as traduções em decassílabos de Ivo Barroso, Jorge Wanderley e Vasco Graça Moura, e também a tradução em versos dodecassílabos de Jerônimo de Aquino.

Na tradução de Ivo Barroso, predomina o verso sáfico, sendo que o oitavo verso é um jambo perfeito, com acentuação tônica em todas as sílabas pares. Vasco Graça Moura mistura versos sáficos com versos heróicos, mas apresenta alguns versos em que demonstra sua dificuldade em manter a tradução em decassílabos, fazendo junções de sílabas que não ocorrem de forma natural quando da leitura do poema, como, por exemplo, no verso oito, em que junta na primeira sílaba prosódica a vogal tônica “cru” ao “i” inicial da palavra “inimigo”. A tradução de Jorge Wanderley para o soneto I é jâmbica, pois, de modo geral, alterna sílabas acentuadas e sílabas átonas. Já Jerônimo de Aquino escolheu o verso alexandrino para reproduzir o pentâmetro jâmbico do original. Assim, cada verso pode ser dividido em dois hemistíquios de seis sílabas cada um, com a acentuação tônica marcando sua divisão e o final do verso.

Na parte lexical, Ivo Barroso omite nove vocábulos do poema original, mas trata-se, em sua maioria, de adjetivos, como “fresh”, “bright” e “tender”. A grande omissão por parte de Barroso é o “glutton” do dístico final, ao qual não faz nenhuma referência ou alusão que poderia lhe servir de paralelo. As mudanças feitas pelo tradutor não descaracterizaram a imagética do poema, pois ele utiliza-se de vocábulos que fazem parte do mesmo campo semântico, como “spring” e “natureza”, “foe” e “rival”, “burliest” e “matas”, “grave” e “fundo do chão”.

Jorge Wanderley deixou de fora treze palavras do original, entretanto, duas dessas omissões são de conjunções “and” e quatro são de adjetivos. A maior omissão de Wanderley foi o substantivo “creatures” do primeiro verso. O tradutor fez um acréscimo no final do quarto verso, “por inteiro acesa”, aparentemente para conseguir rimar com a palavra “beleza”, do final do segundo verso. O acréscimo, porém, não destoa totalmente do original. Na tradução de Jorge Wanderley, há dezoito mudanças lexicais. No décimo verso, ele transforma o substantivo “herald” (arauto) no verbo “vens anunciar”, porém mantém a mesma idéia de que o personagem do soneto vem anunciar a primavera. O maior problema de sua tradução é a mudança do penúltimo verso, “Pity the world, or else this glutton be”, que na versão de Wanderley virou “Doa-te ao mundo ou come com fartura”. Neste verso, perde-se a noção de piedade e o glutão do original torna-se o “come com fartura”, que passa uma idéia de ação pontual, e não de característica permanente. O tradutor alterou a ordem sintática de cinco versos.

Vasco Graça Moura incorre em catorze omissões, as mais importantes delas ocorrendo no verso oito, “Thyself thy foe, to thy sweet self too cruel”, traduzido como “cru inimigo de ti, teu ser desamas”. Não há nada no poema shakespeariano que possa justificar a inserção de “cru”, além de “teu ser desamas” não passar claramente a imagem de ser cruel consigo mesmo, contida no original. Outro grande lapso acontece no último verso: “To eat the world’s due” vira “Comas tu o devido”, sem que haja menção a quem é devido (ao mundo). Graça Moura fez doze alterações lexicais, e uma delas parece ter sido causada por erro de interpretação: “burliest thy content”, isto é, enterras teu conteúdo, foi traduzido “te enterras a contento”. Há seis versos com alteração sintática, inclusive dois cuja ordem foi trocada. Vasco Graça Moura acrescentou três elementos não existentes no original à sua tradução.

A tradução de Jerônimo de Aquino, em versos dodecassílabos, é a que menos omite idéias do original, mas, em compensação, é a que contém o maior número de acréscimos. Além de oito acréscimos, há dois versos inteiros que não são em nada correspondentes ao soneto de Shakespeare, assim, dois versos são omitidos e completamente desfigurados: “Feed’st thy light’s flame with self-substantial fuel,/ Making a famine where abundance lies”, na tradução de Aquino é “Sem o alento de outra alma a que a tua dê abrigo./Cheio de amor, negando amor a todo instante”. Há também muitas alterações de sentido, como “From fairest creatures” e a tradução “Em tudo o que há mais belo”, “might bear his memory” e “confere o dom de eternizá-la”, “thy sweet self” e “teu encanto”.

### Soneto XV

A tradução em decassílabos de Ivo Barroso, assim como a de Vasco Graça Moura, foi feita em versos heróicos. Já a tradução de Jorge Wanderley divide-se em versos heróicos e martelos-agalopados. Jerônimo de Aquino construiu uma versão do soneto de Shakespeare em que todos os versos são alexandrinos, isto é, acentuados na sexta sílaba. Péricles Eugênio da Silva Ramos utiliza-se, em sua tradução, de versos alexandrinos, exceto no quarto verso, em que todas as sílabas pares são tônicas, exceto a sexta.

As duas principais imagens do soneto XV são a da vida como um palco, cujos acontecimentos são vigiados pelas estrelas, e a da planta, que cresce assim como o homem. Ivo Barroso consegue manter as duas metáforas, embora em sua tradução haja treze omissões, sendo as principais “brave state” e “for love of you”. Há três acréscimos, dois deles no penúltimo verso: “crua” antes de “guerra”, onde no original é “all in war”, “enfrento” em lugar de “for love of you”. Apesar de dez mudanças lexicais, não há muita perda semântica.

Na tradução de Vasco Graça Moura, também não há perda das duas principais metáforas do poema de Shakespeare. Há seis omissões, entre elas “vaunt” e “comment”. O tradutor fez nove mudanças lexicais, trocando, por exemplo, “cheered and checked” por “anima e desanima” e “to change” por “degrada”. Graça Moura altera a ordem sintática de três versos e acrescenta três elementos ao original, dois deles para obter rimas.

Jorge Wanderley omite cinco passagens, deixando de fora “at height decrease” e o adjetivo “wasteful”. Wanderley incorreu em oito mudanças lexicais, traduzido “brave state” como “glória” e “conceit” como “luz”. Embora acrescente três elementos, eles não causam alterações no significado do soneto. Há, em sua tradução, quatro versos alterados sintaticamente, inclusive dois versos cuja ordem foi alternada.

Jerônimo de Aquino, com sua tradução em versos alexandrinos, omite sete passagens e acrescenta quatro. Aquino, inclusive, perde a imagem da seiva presente em “youthful sap”. Seu principal erro ocorre no nono verso, que foi desfigurado: “The conceit of this inconstant stay” virou “O conceito que formo, então, dessa ocorrência”. Três versos sofreram mudanças sintáticas.

Péricles Eugênio da Silva Ramos, que também opta pelo verso dodecassílabo, se sai um pouco melhor: omite apenas dois adjetivos e acrescenta três passagens. Dentre as sete alterações lexicais, a principal se refere ao “huge stage”, cuja tradução foi “meras peças”, além de ter perdido uma das imagens ligadas à comparação entre homens e plantas: “I engraft you new” tornou-se, simplesmente, “te acrescento”. O tradutor transformou a ordem sintática de seis versos, número bastante alto.

### Soneto LXXIII

No soneto de Shakespeare, há um enjambement no segundo verso. Ivo Barroso cria um enjambement no terceiro verso, Vasco Graça Moura faz dois enjambements, no primeiro e no penúltimo versos. Nas traduções de Jorge Wanderley e Jerônimo de Aquino não há enjambements.

Na versão de Ivo Barroso, há dois versos perfeitamente jâmbicos. Predominam os versos sáficos. Na tradução de Vasco Graça Moura, a espécie de acentuação mais comum é o martelo-agalopado. A tradução de Jorge Wanderley começa com um verso irregular, mas a versão passa por versos heróicos, sáficos e martelos-agalopados. Jerônimo de Aquino traduziu o soneto em versos geralmente jâmbicos.

A tradução de Ivo Barroso incorre em oito omissões, inclusive uma que compromete uma das principais imagens do soneto, “ruined choirs”. A imagem não é resgatada em nenhuma outra parte da tradução. Neste mesmo verso, “Bare ruined choirs, where late the sweet birds sang” é traduzido como “Outrora ninhos e gorjeio e plumas”. Portanto, Barroso

perdeu a imagem da igreja em ruínas e prolongou-se na idéia de que outrora pássaros cantavam. Há outras oito mudanças de sentido ao longo do poema. Somente um verso foi alterado sintaticamente e há dois acréscimos que não causam uma grande mudança no sentido do soneto.

Jorge Wanderley omite doze passagens do original, sendo a principal no último verso (“that well”). Há nove mudanças lexicais e quatro acréscimos, mas o tradutor teve o êxito de manter a metáfora “ruined choirs”, traduzida como “coro em ruína”. Wanderley não alterou a ordem sintática de nenhum dos versos.

Vasco Graça Moura omite sete elementos do original, mas isso não acarreta em perda de sentido. Os quatro versos iniciais sofreram uma grande alteração sintática, havendo uma mistura de todos na tradução. O sexto verso também foi alterado sintaticamente. Graça Moura não acrescentou nenhuma imagem não contida no original, mas modificou sete elementos semânticos, em especial “strong”, que virou “mais”, “expire”, traduzido como “se alheia” e “sang”, que na versão do tradutor é “escutamos”.

A versão em versos alexandrinos de Jerônimo de Aquino tem nove omissões e sete acréscimos, um indício de que o tamanho maior dos versos não impede que lacunas semânticas surjam e ainda acarreta em inclusões de trechos não presentes no original. Não há, por exemplo, qualquer menção no original a um frio “insano”, nem aos pássaros “ermos, em desventura”. O tradutor também perdeu a imagem contida em “Bare ruined choirs”, deixando apenas “coro de passaradas”, sem que haja alguma referência ao fato como parte do passado. Há onze alterações lexicais, ou seja, nem com doze sílabas foi possível traduzir todo o conteúdo semântico do soneto. A ordem sintática de dois versos foi mudada.

### Soneto CXXXVIII

Na tradução em decassílabos de Ivo Barroso predominam versos heróicos e martelos-agalopados. Vasco Graça Moura optou pelo mesmo estilo de prosódia, com versos cujos esquemas rítmicos são, de modo geral, martelos-agalopados. A versão decassílabo de Jorge Wanderley termina com um dístico em martelo-agalopado, mas ao longo do soneto prevalece o verso heróico. Jerônimo de Aquino traduz o soneto shakespeariano em versos dodecassílabos alexandrinos. O sexto verso, porém, não é alexandrino, isto é, não é acentuado na sexta sílaba.

Ivo Barroso omite, em sua tradução, cinco passagens. Há também nove mudanças lexicais. Ele troca “false subtleties” por “falsidades” e ignora o “by lies” do último verso. A principal perda acarretada por suas escolhas, porém, é do trocadilho presente no penúltimo verso, com o verbo “lie”, que significa tanto “mentir” como “deitar-se”. Barroso opta por manter a idéia de mentira. O tradutor mudou a sintaxe de três versos.

Vasco Graça Moura omite quatro vocábulos, embora sem grandes perdas semânticas. Seu principal erro é alterar o significado de alguns versos ao não ser sensato nas escolhas lexicais ou interpretar mal algumas passagens: “untutor’d youth” não é “um jovem sem tutor” e “false subtleties” não é “enganos”. Ele muda a ordem sintática de quatro versos e acrescenta apenas uma palavra inexistente no original, mas seu principal pecado é criar todo um verso estranho — “Deitamo-nos, mentimos, mente, minto” — a fim de manter o trocadilho praticamente intraduzível do original.

Jorge Wanderley suprime cinco passagens, a principal delas sendo a palavra “subtleties”. O tradutor insere apenas dois elementos não constantes do original e dispensáveis: “os desenganos” e “e está perfeito”, ambos no final de versos, obviamente para fazer rimas. Wanderley mudou a sintaxe de três versos. Das sete substituições lexicais, as que mais alteram o significado do soneto são “flatter’d” e “douram”, “thinking” e “Deixo-me crer”, “I credit” e “dou meu endosso”, e “best habit” e “coisa justa”.

O tradutor Jerônimo de Aquino conseguiu não modificar a sintaxe de nenhum verso. Em compensação, suprimiu, além de outros três elementos, o último verso, “And in our faults by lies we flatter’d be”, e criou em seu lugar um verso totalmente outro: “E vamos a tecer nossa ventura assim”. Há sete deturpações lexicais em sua versão.

### Conclusão

Como vimos nos exemplos dos sonetos estudados, as traduções em dodecassílabos acabam por forçar os tradutores a acrescentarem idéias não contidas no original, a fim de preencher todo o espaço e criar rimas. Além disso, este tipo de versificação não impede que os tradutores omitam ou mudem as imagens do soneto em inglês. Embora as omissões ocorridas nas traduções em decassílabos sejam em maior número, não acarretam em perdas de sentido. Já os acréscimos nas traduções em dodecassílabos muitas vezes causam espanto por não terem qualquer paralelo com o original, isto é, por parecerem meras idéias inspiradas pela poesia de Shakespeare. O acréscimo de dois versos por Jerônimo de Aquino na tradução do soneto I, por exemplo, é uma demonstração de falta de respeito com o autor do original — ninguém menos que Shakespeare — e com o leitor que não pode ter acesso ao poema em língua inglesa e perceber que a tradução não lhe é fiel.

Ivo Barroso foi quem traduziu os sonetos com mais competência, seguido de perto por Jorge Wanderley. Ambos usaram versos decassílabos. Vasco Graça Moura, embora utilize o mesmo tipo de prosódia, comete erros inaceitáveis. Graça Moura demonstra pouca intimidade com a atividade tradutória, com a língua inglesa da época de Shakespeare e com os recursos poéticos. Jerônimo de Aquino, principal representante das traduções em dodecassílabos deste estudo, às vezes acrescenta versos inteiros à tradução dos sonetos de Shakespeare, além de inserir elementos que em nada têm a ver com o original, em geral para conseguir rimas ao final dos versos.

O estudo permitiu chegar à conclusão de que a melhor forma prosódica a ser utilizada em traduções de pentâmetros jâmbicos é, como se acreditava, o decassílabo. Constatou-se que os tradutores que usaram dodecassílabos em muitos casos foram obrigados a acrescentar palavras que não correspondiam a nada existente no soneto original, a fim de preencher o número adicional de sílabas. No aspecto sintático, também houve maior ocorrência de mudanças nas traduções em versos alexandrinos.

### Referências

- 1 - BRITTO, Paulo Henriques. Fidelidade em tradução poética: o caso Donne. **Terceira Margem X** (15), p. 239–254. jul./dez. 2006.
- 2 - BRITTO, Paulo Henriques. Para uma avaliação mais objetiva das traduções de poesia. in Krauze, Gustavo Bernardo. **As margens da tradução**. Rio de Janeiro: Faperj/Caetés/UERJ, 2002.
- 3 - SHAKESPEARE, William. **Sonetos**. Trad. e notas de Jorge Wanderley. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. 339 p.
- 4 - \_\_\_\_\_. **Os sonetos completos**. Trad. de Vasco Graça Moura. São Paulo: Landmark, 2005. 342 p.
- 5 - \_\_\_\_\_. **42 sonetos**. Trad. e introdução de Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005. 141p.

6 – \_\_\_\_\_. **Sonetos**. Trad. de Jerônimo de Aquino. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1956. 329 p.

7 – \_\_\_\_\_. **Sonetos de Shakespeare**. Trad. de Péricles Eugênio da Silva Ramos. Rio de Janeiro: Edições do Ouro, 1966. 227 p.

8 - VENDLER, Helen. **The Art of Shakespeare's Sonnets**. Cambridge (Massachusetts)/Londres, Belknap, 1997. 672 p.

9 – GOLDSTEIN, Norma. **Versos, sons, ritmos**. 13ª edição. São Paulo: Editora Ática, 2004. 80 p.

**SONETO I**

From fairest creatures we desire increase  
That thereby beauty's rose might never die,  
But as the ripper should by time decease  
His tender heir might bear his memory:  
But thou, contracted to thine own bright eyes,  
Feed'st thy light's flame with self-substantial fuel,  
Making a famine where abundance lies,  
Thyself thy foe, to thy sweet self too cruel.  
Thou that art now the world's fresh ornament  
And only herald to the gaudy spring,  
Within thine own bud buriest thy content  
And, tender churl, mak'st waste in niggarding.  
    Pity the world, or else this glutton be:  
    To eat the world's due, by the grave and thee.

**Tradução de Ivo Barroso:**

- / - / - - - / - /	
Dos seres ímpares <u>ansiamos</u> prole	2 - 4 - 8 - 10
/ - - / - / - - - /	
Para que_a flor do Belo não se_extinga,	1 - 4 - 6 - 10
- - / - - / - / - /	
E se_a rosa madura_o Tempo colhe,	3 - 6 - 8 - 10
/ - - / - - - / - /	
Fresco botão sua memória vinga.	1 - 4 - 8 - 10
- / - / - / - - - /	
Mas tu, que só com_os olhos teus contrais,	2 - 4 - 8 - 10
/ - - / - / - - - /	
Nutres o_ardor com_as próprias energias	1 - 4 - 6 - 10
- / - / - - - / - /	
Causando fome_onde_(a)_abundância jaz,	2 - 4 - 8 - 10
- / - / - / - / - /	
Cruel rival, que_o próprio ser crucias.	2 - 4 - 6 - 8 - 10
/ - - / - / - - - /	
Tu, que do mundo_és hoje_o galardão,	1 - 4 - 6 - 10
- / - - - / - - - /	
Arauto da festiva Natureza,	2 - 6 - 10
/ - - \ - / - - - /	
Matas o teu prazer inda_em botão	1 - (4) - 6 - 10
- - / - - / - - - /	
E, sovina,_esperdiças na_avareza.	3 - 6 - 10
- / - - \ / - / - /	
<u>Piedade</u> , senão ides, tu e_o fundo	2 - (5) - 6 - 8 - 10
- / - / - - - / - /	
Do chão, comer o que_é devido_ao mundo.	2 - 4 - 8 - 10

**Tradução de Vasco Graça Moura:**

/ - / - - / - - -	
Quer-se prole_às mais belas criaturas	1 - 3 - 6 - 10
- - - / - / - - - /	
pra que não morra_a rosa da beleza	4 - 6 - 10
- - - / - / - - - /	
e_em fenecendo_as coisas já maduras	4 - 6 - 10
- / - / - / - - - /	
um terno_herdeiro_as lembre. Mas acesa,	2 - 4 - 6 - 10
- / - / - - - / - /	
contraí-te a luz do teu olhar, consumes	2 - 4 - 8 - 10
- / - / - - - / - /	
teu ser no ser das tuas próprias chamas	2 - 4 - 8 - 10
- / - - - / - / - /	
e onde_há abundância crias fomes,	2 - 6 - 8 - 10
/ - / - - / - / - /	
cru_inimigo de ti, teu ser desamas:	1 - 3 - 6 - 8 - 10
/ - - / - - / - - /	
tu que do mundo és fresco_ornamento	1 - 4 - 7 - 10
- / - - - / - / - /	
que_a gaia primavera_arauto fez,	2 - 6 - 8 - 10
- / - / - / - - - /	
em teu botão te_enterras a contento	2 - 4 - 6 - 10
- / - / - / - - - /	
e terno_avaro_esbanjas mesquinhez:	2 - 4 - 6 - 10
- / - - - / - / - /	
Apieda-te do mundo,_ou sê glutão.	2 - 6 - 8 - 10
/ - / - - / - / - /	
Comas tu o devido,_a cova não.	1 - 3 - 6 - 8 - 10

**Tradução de Jorge Wanderley:**

- / - - - / - - - /	
Dos raros, desejamos descendência,	2 - 6 - 10
- / - / - / - - - /	
Que assim não finde_a rosa da beleza,	2 - 4 - 6 - 10
- / - / - / - - - /	
E morto_o mais maduro, sua_essência	2 - 4 - 6 - 10
/ - - / - - - / - /	
Fique no_herdeiro, por inteiro_acesa.	1 - 4 - 8 - 10
- / - / - - - / - /	
Mas tu, que só ao teu olhar te_alias,	2 - 4 - 8 - 10
- / - / - / - - - /	
Em flama própria_ao fogo te consumes	2 - 4 - 6 - 10
- / - / - - - / - /	
Criando_a fome_onde fartura_havia,	2 - 4 - 8 - 10
- / - / - - - / - /	
Rival perverso do teu próprio nome.	2 - 4 - 8 - 10
/ - - / - - - / - - - /	
Tu que_és do mundo_o mais fino_ornamento	1 - 4 - 7 - 10
- - - / - / - - - /	
E_a primavera vens_anunciar,	4 - 6 - 10
- / - - - / - - - /	
Enterras em botão teus suprimentos:	2 - 6 - 10
/ - - / - / - - - /	
— Doce avareza,_estróina_em se poupar.	1 - 4 - 6 - 10
/ - - / - / - - - /	
Doa-te_ao mundo_ou come com fartura	1 - 4 - 6 - 10
- - - / - / - - - /	
O que lhe deves, tu e_a sepultura.	4 - 6 - 10

**Tradução de Jerônimo de Aquino:**

- / - / - / - / - - - /	
Em tudo_o_que há mais belo,_a rosa da beleza	2 - 4 - 6 - 8 - 12
- - - / - / - / - - - /	
Se nos impõe, gerando_o_anseio de_aumentá-la	4 - 6 - 8 - 12
/ - / - - / - / - - - /	
E,_entre_os sêres mortais,_a própria natureza	1 - 3 - 6 - 8 - 12
- - / - - / - / - - - /	
Ao herdeiro confere_o dom de_eterizá-la	3 - 6 - 8 - 12
- - / - - / - / - / - /	
Mas tu,_assim concentrado_em teu_olhar brilhante,	3 - 6 - 8 - 10 - 12
/ - / - - / - - - / - - /	
Sem o_alento de_outra_alma_a que_a tua dê abrigo,	1 - 3 - 6 - 9 - 12
/ - - / - / - / - - - /	
Cheio de_amor, negando_amor a todo_instante,	1 - 4 - 6 - 8 - 12
- - / - - / - / - - - /	
De ti mesmo_e do teu encanto_és inimigo.	3 - 6 - 8 - 12
- / - - - / - - / - - /	
Tu,_agora,_esplendoroso_ornamento do mundo	2 - 6 - 9 - 12
- / - - - / - / - - - /	
E_arauto singular de_alegre primavera,	2 - 6 - 8 - 12
/ - / - - / - / - - - /	
Tu, botão, dentro_em ti sepultas, infecundo,	1 - 3 - 6 - 8 - 12
- / - - - / - / - - - /	
Teu gozo_e te destróis, poupando_o que_exubera.	2 - 6 - 8 - 12
/ - / - - / - / - - - /	
Faze prole,_ou, glutão, em ti_e na sepultura,	1 - 3 - 6 - 8 - 12
- / - / - / - - / - - /	
Virá_a tragar_o mundo a tua formosura.	2 - 4 - 6 - 9 - 12

**SONETO XV**

When I consider every thing that grows  
Holds in perfection but a little moment,  
That this huge stage presenteth nought but shows  
Whereon the stars in secret influence comment;  
When I perceive that men as plants increase,  
Cheered and checked even by the self-same sky,  
Vaunt in their youthful sap, at height decrease,  
And wear their brave state out of memory:  
Then the conceit of this inconstant stay  
Sets you most rich in youth before my sight,  
Where wasteful Time debateth with Decay,  
To change your day of youth to sullied night:

    And all in war with Time for love of you,  
    As he takes from you, I engraft you new.

**Tradução de Ivo Barroso:**

/ - / - - / - / - /	
Quando_observo que tudo quanto cresce	1 - 3 - 6 - 8 - 10
- / - - - / - / - /	
Desfruta_a perfeição de_um só momento,	2 - 6 - 8 - 10
- / - / - / - - - /	
Que neste palco_imenso se_obedece	2 - 4 - 6 - 10
/ - / - - / - - - /	
À secreta_influência do firmamento;	1 - 3 - 6 - 10
/ - - / - / - - - /	
Quando percebo que_ao_homem, como_à planta,	1 - 4 - 6 - 10
- / - / - / - - - /	
Esmaga_o mesmo céu que lhe deu glória,	2 - 4 - 6 - 10
- / - / - / - - - /	
Que se_ergue_em seiva_e, no_ápice,_aquebranta	2 - 4 - 6 - 10
- / - / - / - - - /	
E_um dia_enfim se_apaga da memória:	2 - 4 - 6 - 10
- - - / - - - / - /	
Esse conceito da_inconstante sina	4 - 8 - 10
- / - / - - - / - /	
Mais jovem faz-te_ao meu_olhar_agora,	2 - 4 - 8 - 10
/ - / - - / - - - /	
Quando_o Tempo se_alia com a Ruína	1 - 3 - 6 - 10
/ - - / - / - / - /	
Para tornar em noite_a tua_aurora.	1 - 4 - 6 - 8 - 10
- / - / - / - / - /	
E crua guerra contra_o Tempo_enfrento,	2 - 4 - 6 - 8 - 10
- / - - - / - - - /	
Pois tudo que te toma_eu te acrescento.	2 - 6 - 10

**Tradução de Vasco Graça Moura:**

/ - / - - / - / - /	
Quando penso que tudo quanto cresce	1 - 3 - 6 - 8 - 10
- - - / \ / - / - /	
na perfeição só breve_instante_avulta,	4 - (5) - 6 - 8 - 10
- / - / - / - / - /	
Que_ao vasto palco só de cenas desce	2 - 4 - 6 - 8 - 10
/ - - / - - - / - /	
lá das_estrelas_a influência_oculta;	1 - 4 - 8 - 10
- \ / - - / - - - /	
se vejo_homens_e plantas como_anima	(2) - 3 - 6 - 10
- \ - / - / - / - /	
e desanima_o céu e_em tal pujança,	(2) - 4 - 6 - 8 - 10
- / - / - - - / - /	
à seiva jovem, uma vez em cima,	2 - 4 - 8 - 10
/ - - - / \ / - - - /	
Cai_o_esplendor bem longe da lembrança;	1 - 4 - (5) - 6 - 10
- / - / - - - / - /	
a_ideia_então desta_inconstante_estada	2 - 4 - 8 - 10
/ - - / - / - - - /	
deixa-me ver-te_em glória juvenil,	1 - 4 - 6 - 10
- / - / - / - / - /	
e lutam tempo_e queda_a qual degrada	2 - 4 - 6 - 8 - 10
- / - / - - - / - /	
teu jovem dia numa noite vil.	2 - 4 - 8 - 10
- / - / - - - / - /	
Co tempo_em guerra por_amor de ti,	2 - 4 - 8 - 10
/ - - / - - - / - /	
Quanto te roube_eu to enxerto_aqui.	1 - 4 - 8 - 10

**Tradução de Jorge Wanderley:**

/ - /- - / - / - /	
Quando vejo que tudo quanto cresce	1 - 3 - 6 - 8 - 10
\ / - / - - - / - /	
Só é perfeito por um breve instante	(1) - 2 - 4 - 8 - 10
- - / - - / - / - /	
E que_o palco dos homens se_oferece	3 - 6 - 8 - 10
- - / - - / - / - /	
Aos desígnios dos astros mais distantes;	3 - 6 - 8 - 10
/ - - / - - - / - - - /	
Quando_ao céu que_ora aplaude_ora reprova	1 - 3 - 6 - 10
/ - - / - - / - - - /	
Homem_e planta_em pleno crescimento	1 - 4 - 6 - 10
/- - / - / - - /- /	
Vêm findar-se_a seiva e_a ainda nova	1 - 4 - 6 - 8 - 10
/ - - / - / - - - /	
Glória que tinham cai no_esquecimento;	1 - 4 - 6 - 10
- / - / - / - - - /	
À luz de tão instável permanência	2 - 4 - 6 - 10
- - / - \ / - - - /	
Aos meus olhos mais moço te_anuncias,	3 - (5) - 6 - 10
- /- / - / - - - /	
Embora juntos, Tempo_e Decadência	2 - 4 - 6 - 10
/ - - / - / - / - /	
Queiram mudar-te_em noite_o claro dia:	1 - 4 - 6 - 8 - 10
- / - - - / - / - /	
Então, por teu amor, o tempo_enfrento	2 - 6 - 8 - 10
- / - - - / - - - /	
E quanto_ele te rouba, te_acrescento.	2 - 6 - 10

**Tradução de Jerônimo de Aquino:**

/ - / - - / - / - / - /	
Quando penso que tudo e tudo quanto cresce	1 - 3 - 6 - 8 - 10 - 12
\ / - - - / - / - - - /	
Só pode ser perfeito um rápido momento;	(1) - 2 - 6 - 8 - 12
- / - / - / - / - - - /	
Que o mundo só ilusões, teatral, nos oferece,	2 - 4 - 6 - 8 - 12
- / - / - / / - / - - /	
Das quais o astral poder é secreto fomento;	2 - 4 - 6 - 7 - 9 - 12
/ - - \ - \ / - - - /	
Quando na evolução do homem, como da planta,	1 - (4) - (6) - 7 - 8 - 12
/ - / - - / - / - - - /	
Vejo avanço e parada, à ação do mesmo ambiente:	1 - 3 - 6 - 8 - 12
- / - / - / - / - - - /	
Agora a vida exulta, agora se quebranta,	2 - 4 - 6 - 8 - 12
- / - / - / - / - - - /	
E até o maior primor termina obscuramente...	2 - 4 - 6 - 8 - 12
- - / - - / - / - / - /	
O conceito que formo, então, dessa ocorrência	3 - 6 - 8 - 10 - 12
- / - / - / - / - - - /	
Se ajusta em vós, em cuja excelsa juventude	2 - 4 - 6 - 8 - 12
- / - - - / - / - - - /	
O Tempo destruidor se alia à Decadência,	2 - 6 - 8 - 12
/ - - / - / - / - - - /	
Para que em feia noite a vida vos transmude.	1 - 4 - 6 - 8 - 12
- - / - - / - / - / - /	
E, em guerra com o Tempo, amando-vos, decerto,	3 - 6 - 8 - 10 - 12
- / - - \ / - / - / - /	
O que êle de vós tira eu novamente enxerto.	2 - 5 - 6 - 8 - 10 - 12

**Tradução de Péricles Eugênio da Silva Ramos:**

- / - / - / - - / - - /	
Se tudo quanto cresce (eu fico_a meditar)	2-4-6-9-12
- / - - - / - - / - - /	
Apenas_um momento alcança_a perfeição;	2-6-9-12
- / - / - / - / - - - /	
Se_os astros vêm, com influência_oculta, comentar	2-4-6-8-12
- / - / - - - / - / - /	
As meras peças que no mundo têm ação;	2-4-8-10-12
- / - / - / - / - - - /	
Se_os homens sei que como_as plantas arborescem	2-4-6-8-12
- / - - - / - - / - - - /	
E_o céu que lhe dá_aplauso_é o céu que_os vem vaiar:	2-6-9-12
- / - - - / - - / - - /	
Gloriam-se de seiva_e no_ápice decrescem,	2-6-9-12
/ - - / - / - - / - - /	
Para_afinal esse_auge esplêndido_olvidar;	1-4-6-9-12
- / - / - / - / - - - /	
Então, pensando nessa_instável permanência,	2-4-6-8-12
- / - / - / - / - / - /	
Mais jovem eu te vejo,_amor, à minha frente,	2-4-6-8-10-12
- / - / - / - / - - - /	
Embora queira_o Tempo,_ouvindo_a Decadência,	2-4-6-8-12
- / - / - / - / - - - /	
Mudar teu jovem dia_em noite desluzente.	2-4-6-8-12
- - - / - / - / - / - /	
E, por amor de ti, em guerra_o Tempo_enfrento;	4-6-8-10-12
- / - / - / - / - - - /	
Quando_êle_em ti suprime,_é quanto te_acrescento.	2-4-6-8-12

**SONETO LXXIII**

That time of year thou mayst in me behold  
When yellow leaves, or none, or few, do hang  
Upon those boughs which shake against the cold,  
Bare, ruined choirs, where late the sweet birds sang.

In me thou see'st the twilight of such day  
As after sunset fadeth in the west,  
Which by and by black night doth take away,  
Death's second self, that seals up all in rest.

In me thou see'st the glowing of such fire  
That on the ashes of his youth doth lie  
As the death-bed whereon it must expire,  
Consumed with that which it was nourished by.

    This thou perceiv'st, which makes thy love strong  
    To love that well which thou must leave ere long.

**Tradução de Ivo Barroso:**

- / - / - / - / - /	
Em mim tu podes ver_a quadra fria	2 – 4 – 6 – 8 – 10
- - / - \ / - - - /	
Em que_as folhas, já poucas ou nenhuma,	3 – (5) – 6 – 10
/ - - / - / - - - /	
Pendem do ramo trêmulo_ onde havia	1 – 4 – 6 – 10
- / - / - - - / - /	
Outrora ninhos_e gorjeio_e plumas.	2 – 4 – 8 – 10
- / - / - - - / - /	
Em mim contemplas essa luz que_apaga	2 – 4 – 8 – 10
/ - - / - / - - - /	
Quando no poente_o dia se faz mudo	1 – 4 – 6 – 10
- / - / - / - / - /	
E pouco_a pouco_a negra noite_o traga,	2 – 4 – 6 – 8 – 10
/ - - / - - - / - /	
Gêmea da morte, que cancela tudo.	1 – 4 – 8 – 10
- / - / - - - / - /	
Em mim tu sentes resplender o fogo	2 – 4 – 8 – 10
- / - - - / - - - /	
Que_ardia sob as cinzas do passado	2 – 6 – 10
- - / - - / - / - /	
E num leito de morte_expira logo	3 – 6 – 8 – 10
- / - - - / / - - /	
Do quanto que_o nutriu ora_esgotado.	2 – 6 – 7 – 10
- / - / - - - / \ /	
Sabê-lo faz_o teu amor mais forte	2 – 4 – 8 – (9) – 10
- / - / - - - / - /	
Por quem em breve_há de levar_a morte.	2 – 4 – 8 – 10

**Tradução de Vasco Graça Moura:**

- / \ - - / - - - /	
Em mim vês_a_ estação em que se_inclina	2 – (3) – 6 – 10
- - / - - / \ / - /	
a folhagem sem cor, já pouca,_em ramos,	3 – 6 – (7) – 8 – 10
/ - - / - / - - - /	
lá onde_os frios claustros são ruína	1 – 4 – 6 – 10
- / - - - / - - - /	
e_os pássaros tardios escutam.	2 – 6 – 10
- / \ / - / - - - /	
Em mim vês lusco-fusco de tal dia,	2 – (3) – 4 – 6 – 10
/ - - / - / - / - /	
quando_a oeste_o sol se queda mudo	1 – 4 – 6 – 8 – 10
- / - / - / - - - /	
e_a noite_a pouco_e pouco_o abrevia,	2 – 4 – 6 – 10
- / - / - / - - \ /	
segundo ser da morte_a selar tudo.	2 – 4 – 6 – (9) – 10
- / \ - - / - - - /	
Em mim vês que_esse fogo bruxuleia,	2 – (3) – 6 – 10
/ - - \ - / - - - /	
cinza da juventude que caiu,	1 – (4) – 6 – 10
- - / - - / - - - - /	
como_o leito de morte_em que se_alheia,	3 – 6 – 10
- - - / - / - - - /	
onde_o consome_o que_antes o nutriu.	4 – 6 – 10
/ - / - - \ / - - - /	
Isto vês, para_amar mais te fazer	1 – 3 – (6) – 7 – 10
- \ / - - - / - / - /	
amar bem o que_em breve vais perder.	(2) – 3 – 6 – 8 – 10

**Tradução de Jorge Wanderley:**

Podes em mim ver o tempo sombrio - / - / - / - - - /	1 - 4 - (5) - 7 - 10
Das poucas folhas secas que pendentes / - - / - / - - - /	2 - 4 - 6 - 10
Tremem nos ramos trêmulos de frio, / - - / - / - - - /	1 - 4 - 6 - 10
Coro_em ruína,_os pássaros ausentes. - / - / - - - / - /	1 - 4 - 6 - 10
Em mim a luz que se desfaz do dia - - / - - / - - / - /	2 - 4 - 8 - 10
E no_ocaso se_extingue_e_encontra pouso - / - / - / - - - /	3 - 6 - 8 - 10
E_ao qual a noite_aos poucos_alicia, / - - / - - / - - /	2 - 4 - 6 - 10
Morte segunda, que_em tudo_é repouso. - / - / - / - / - /	1 - 4 - 7 - 10
Em mim tu vês a chama_ainda_a arder: - \ - / - / - / - /	2 - 4 - 6 - 8 - 10
Na juventude_em cinzas, quase_expira / - - / - - / - / - /	(2) - 4 - 6 - 8 - 10
No_último leito_—_onde_ela vai morrer \ - / - - / - - - /	1 - 4 - 6 - 8 - 10
Consumida naquilo que_a nutrira. / - - / - / - / - /	(1) - 3 - 6 - 10
Tudo_o que vês, mais forte_amor preserve - / - - - / - / - /	1 - 4 - 6 - 8 - 10
No_amor a quem tu vais deixar_em breve	2 - 6 - 8 - 10

**Tradução de Jerônimo de Aquino:**

- / - - \ / - /	
Em mim poderás ver <u>impressa</u> <u>a</u> estação do ano	2 – (5) – 6 – 8 – 10 – 12
- - / - - / - / - - - /	
Em que fôlha nenhuma <u>ou</u> pouca se pendura	3 – 6 – 8 – 10
- / - - - / - / - / - /	
Nos galhos que sacode <u>o</u> vento frio <u>e</u> insano,	2 – 6 – 8 – 10 – 12
/ - - \ - / - - - / - /	
Coros da passarada, <u>ermos</u> , <u>em</u> desventura;	1 – (4) – 6 – 10 – 12
- / - - \ / / - - / - /	
Em mim poderás ver essa mesma tristeza	2 – (5) – 6 – 7 – 8 – 10 – 12
- / - / - / - - / - - /	
Da tarde, quando <u>o</u> Sol no <u>horizonte</u> <u>agoniza</u> ,	2 – 4 – 6 – 9 – 12
/ - / - - / - / - - - /	
Quando <u>a</u> noite, <u>outra</u> morte, <u>envolve</u> <u>a</u> Natureza	1 – 3 – 6 – 8 – 12
- / - - - / - / - \ - /	
De trevas <u>e</u> <u>em</u> repouso <u>a</u> fecha <u>e</u> paralisa.	2 – 6 – 8 – (10) – 12
- / - - \ / \ / - - - /	
Em mim poderás ver quão forte <u>era</u> <u>êsse</u> fogo,	2 – (5) – 6 – (7) – 8 – 12
- - / - - / - / - - - /	
Que nas cinzas deixou a minha mocidade,	3 – 6 – 8 - 12
/ - / - - / - / - - \ /	
Como <u>em</u> leito mortuário, <u>onde</u> <u>ela</u> se <u>esfez</u> logo,	1 – 3 – 6 – 8 – 11 - 12
- / - / - / - / - \ - /	
Com tudo quanto <u>a</u> punha <u>em</u> plena <u>atividade</u> ;	2 – 4 – 6 – 8 – 10 - 12
- / - / - / - / - / - /	
E, <u>em</u> face dêsse quadro, <u>amor</u> maior terás	2 – 4 – 6 – 8 – 10 - 12
- / - - \ / - - / \ - /	
Ao que <u>hoje</u> <u>inda</u> <u>estás</u> vendo <u>e</u> amanhã não verás.	2 – (5) – 6 – 9 – (10) - 12

**SONETO CXXXVIII**

When my love swears that she is made of truth,  
I do believe her, though I know she lies,  
That she might think me some untutor'd youth,  
Unlearned in the world's false subtleties.  
Thus vainly thinking that she thinks me young,  
Although she knows my days are past the best,  
Simply I credit her false-speaking tongue:  
On both sides thus is simple truth suppress.  
But wherefore says she not she is unjust?  
And wherefore say not I that I am old?  
O! love's best habit is in seeming trust,  
And age in love loves not to have years told:  
          Therefore I lie with her, and she with me,  
          And in our faults by lies we flatter'd be.

**Tradução do Ivo Barroso:**

/ - / - - / - - - /	
Quando jura ser feita de verdades,	1 – 3 – 6 – 10
- / - / - / - / - /	
Em minha _amada creio, _e sei que mente,	2 – 4 – 6 – 8 – 10
- / - / - / - - - /	
E passo _assim por moço _inexperiente,	2 – 4 – 6 – 10
/ - / - - / - \ - /	
Não versado _em mundanas falsidades.	1 – 3 – 6 - (8) – 10
- / - / \ - - / - /	
Mas crendo _em vão que _ela me crê mais jovem	2 – 4 – (5) – 8 – 10
- / - / - / - - \ /	
Pois sabe bem que _o tempo meu já míngua,	2 – 4 – 6 – (9) – 10
\ - / - - / - / - /	
Simplesmente _acredito _em falsa língua:	(1) – 3 – 6 – 8 – 10
- - / - - / - / - /	
E _a patente verdade _os dois removem.	3 – 6 – 8 – 10
- / - / - / - - \ /	
Por que razão infiel não se diz _ela?	2 – 4 – 6 – (9) – 10
- / - / - / - / - /	
Por que razão também escondo _a _idade?	2 – 4 – 6 – 8 – 10
/ - - / - / - / - /	
Oh, lei do _amor fingir sinceridade	1 – 4 – 6 – 8 – 10
- / - / - / - / - /	
E _amante _idoso _os anos não revela.	2 – 4 – 6 – 8 – 10
- / - / - / - / - /	
Por isso _eu minto, _e ela _em falso jura,	2 – 4 – 6 – 8 – 10
- - / - - / - - - /	
E sentimos lisonja na _impostura.	3 – 6 - 10

**Tradução de Vasco Graça Moura:**

- - / - / - - / - /	
Ao jurar-me_ela seu fiel amor,	3 – 5 – 8 – 10
- / - - - / - / - /	
palavra que_acredito_e sei que mente;	2 – 6 – 8 – 10
/ - - / - / - - - /	
deve pensar-me_um jovem sem tutor,	1 – 4 – 6 – 10
- - / - - / - - - /	
nos enganos do mundo_inexperiente.	3 – 6 – 10
- / - / - / - - \ /	
Assim, pensando_em vão que me crê jovem,	2 – 4 – 6 – (9) – 10
/ - - / - \ / - / - /	
saiba_embora já fui melhor do que_hoje,	1 – 3 – (5) – 6 – 8 – 10
- / - / - / - - - / -	
as suas falas falsas me comovem	2 – 4 – 6 – 10
- - / - - / - / - /	
e_a verdade de parte_a parte foge.	3 – 6 – 8 – 10
- - / \ - / - / - /	
Mas porque não dirá ser ela_injusta?	3 – (4) – 6 – 8 – 10
- - \ / - / - / - /	
Porque não digo minha_idade_avança?	(3) – 4 – 6 – 8 – 10
- / - / - / - - \ /	
No_amor, idade_e anos dizer custa	2 – 4 – 6 – (9) – 10
- - / - - / - / - /	
E_é costume de_amor fingir confiança.	3 – (6) – 8 – 10
- / - - - / - / - /	
Deitamo-nos, mentimos, mente, minto.	2 – 6 – 8 – 10
- / - / - - - / - /	
Mentir em culpa_é-nos lisonja, sinto.	2 – 4 – 8 – 10

**Tradução de Jorge Wanderley:**

- / - - - / - - - /	
Jurando_o meu amor sinceridade,	2 – 6 – 10
/ - - - - / - - - - /	
Creio nela — sabendo que_ela mente;	1 – 6 – 10
- / - - - / - - - - /	
Que_ao tolo me compare,_à mocidade	2 – 6 – 10
/ - - / - / - - - /	
Ante_este falso mundo,_inexperiente.	1 – 4 – 6 – 10
/ - - / - - - / - /	
Deixo-me crer que me_imagina moço,	1 – 4 – 8 – 10
/ - - / - / - - - /	
Mesmo se saiba_em si que já declino;	1 – 4 – 6 – 10
/ - / - - / / - - /	
Às mentiras que diz, dou meu endosso:	1 – 3 – 6 – 7 – 10
- - / - \ / - - - /	
E_o Real, nos dois lados, elimino.	3 – (5) – 6 – 10
/ - - / - / - - - /	
Mas por que nega ela que_é injusta?	1 – 4 – 6 – 10
- / - / - / - - - /	
E_eu nego_ em minha_idade_os desenganos?	2 – 4 – 6 – 10
- / - - \ / - / - /	
No_amor, parecer firme_é coisa justa,	2 – (5) – 6 – 8 – 10
- / - / - - - / - /	
No_amor a_idade não se conta_os anos.	2 – 4 – 8 – 10
- / / - - / - / - /	
E_assim, mente_um ao outro,_e_está perfeito,	2 – 3 – 6 – 8 – 10
- - / - - / - - - /	
Que_as mentiras nos douram os defeitos.	3 – 6 – 10

**Tradução de Jerônimo de Aquino:**

- / - / - / / - / - - /	
Quando_ela,_o meu amor, jura ser verdadeira,	2 – 4 – 6 – 7 – 9 – 12
- - - / - / - / - - - /	
Eu acredito que_ela,_ainda que_ela minta,	4 – 6 – 8 – 12
- - - / - / - / - - - /	
Me poderá julgar ingênuo, de maneira	4 – 6 – 8 – 12
- / - - - / - - - / - /	
Que_as artes mundanaís, porque sutis, não sinta.	2 – 6 – 10 – 12
- / - / - / - - - / - /	
Assim, julgando_em vão que_ela me julgue môço,	2 – 4 – 6 – 10 – 12
- / - / - - - / - - - /	
Embora saiba que_os meus dias vão murchando,	2 – 4 – 8 – 12
- - / - - / - / - / - /	
Hei de crer-lhe falaz a língua, quando lha_ouço.	3 – 6 – 8 – 10 – 12
- - / - / / - - - / - /	
E_a verdade,_então, vai cada_um de nós falseando.	3 – 5 – 6 – 10 – 12
/ - / - - / - / - - - /	
Mas por que_ela não diz que mente_a meu respeito?	1 – 3 – 6 – 8 – 12
- - / - \ / - - / - - /	
E por que não digo_eu minha_idade_avançada?	3 – (5) – 6 – 9 – 12
- - / - - / - / \ - - /	
Porque_é bom parecer o_amor sempre_insuspeito,	3 – 6 – 8 – (9) – 12
- - - / - / - / - - - /	
Porque_a velhice,_em amor, não ama ser contada.	4 – 6 – 8 – 12
- / - - \ / - / - / - /	
Assim, a_ela minto_eu, como_ela mente_a mim,	2 – (5) – 6 – 8 – 10 – 12
- / - - - / - - - / - /	
E vamos a tecer nossa ventura_assim.	2 – 6 – 10 – 12

Soneto I	Tradução de Ivo Barroso
<p>From <u>fairest</u> creatures we desire increase  That thereby beauty's rose might <b>never</b> die,  But as the ripper should by time <u>decease</u>  His tender <u>heir</u> might bear his memory:  But thou, <u>contracted to thine own</u> <b>bright</b> eyes,  Feed'st thy <u>light's flame</u> with self-substantial <u>fuel</u>,  Making a famine where abundance lies,  Thyself thy <u>foe</u>, to thy sweet <b>self</b> too cruel.  Thou that art now the world's <b>fresh</b> ornament  <b>And only</b> herald to the <u>gaudy spring</u>,  Within thine own bud <u>buried</u> thy content  And, <b>tender churl</b>, mak'st waste in niggarding.            Pity the world, or else this <b>glutton</b> be:            To eat the world's due, by the <u>grave</u> and thee.</p>	<p>Dos seres <u>ímpares</u> ansiamos prole  Para que a flor do Belo não se extinga,  E se a rosa madura o Tempo <u>colhe</u>,  Fresco <u>botão</u> sua memória vinga.  Mas tu, que só <u>com os olhos teus</u> <u>contrais</u>,  Nutres o <u>ardor</u> com as próprias <u>energias</u>  Causando fome onde a abundância jaz,  Cruel <u>rival</u>, que o próprio ser crucias.  Tu, que do mundo és hoje o <u>galardão</u>,  Arauto da <u>festiva Natureza</u>,  <u>Matas</u> o teu prazer inda em botão  E, sovina, esperdiças na avareza.            Piedade, senão ides, tu e o <u>fundo</u>            <u>Do chão</u>, comer o que é devido ao mundo.</p>

**Omissões** = 9    mudanças lexicais = 14    *versos com alterações sintáticas* = 0    **acrécimos** = 0

Soneto I	Tradução de Jorge Wanderley
<p>From <u>fairest</u> <b>creatures</b> we desire <u>increase</u>  That thereby beauty's rose might <u>never die</u>,  But as the riper <b>should by time</b> decease  His <b>tender</b> heir <u>might bear his memory</u>:  But thou, <u>contracted</u> to thine <b>own bright</b> eyes,  <u>Feed'st thy light's flame</u> with <u>self-substantial fuel</u>,  Making a famine where abundance <u>lies</u>,  Thyself thy foe, to thy <b>sweet</b> self too cruel.  Thou that art <b>now</b> the world's <u>fresh</u> ornament  <b>And only</b> <u>herald</u> to the <b>gaudy</b> spring,  <u>Within</u> thine <b>own</b> bud buriest thy <u>content</u>  <b>And</b>, <u>tender churl</u>, <u>mak'st waste</u> in niggarding.            <u>Pity the world, or else this glutton be:</u>            To eat the world's due, by the grave and thee.</p>	<p>Dos <u>raros</u>, desejamos <u>descendência</u>,  <i>Que assim <u>não finde</u> a rosa da beleza,</i>  <i>E morto o mais maduro, <u>sua essência</u></i>  <u>Fique no herdeiro, por inteiro acesa.</u>  Mas tu, <u>que só ao teu olhar te alias</u>,  <i>Em flama <u>própria ao fogo te consomes</u></i>  Criando a fome onde fartura <u>havia</u>,  Rival perverso <u>do teu próprio nome</u>.  Tu que és do mundo o mais <u>fino</u> ornamento  <i>E a primavera <u>vens anunciar</u>,</i>  Enterras <u>em</u> botão teus <u>suprimentos</u>:  — <u>Doce avareza, estróina em se poupar.</u>            <u>Doa-te ao mundo ou come com fartura</u>            O que lhe debes, tu e a sepultura.</p>

**Omissões** = 13    mudanças lexicais = 18    *versos com alterações sintáticas* = 5    **acréscimos** = 1

Soneto I	Tradução de Vasco Graça Moura
<p>From fairest creatures <u>we desire increase</u>  That thereby beauty's rose might <u>never die</u>,  <u>But as</u> the riper <u>should by time</u> <u>decease</u>  <u>His</u> tender heir <u>might bear his memory</u>:  <u>But thou</u>, contracted to thine own <u>bright eyes</u>,  Feed'st thy <u>light's flame</u> with self-substantial <u>fuel</u>,  Making a famine where abundance lies,  <u>Thyself</u> thy foe, <u>to thy sweet self too cruel</u>.  Thou that art <u>now</u> the world's fresh ornament  <u>And only</u> <i>herald to the gaudy spring</i>,  Within thine <u>own</u> bud buriest <u>thy content</u>  And, tender churl, <u>mak'st waste in</u> niggarding.  Pity the world, or else <u>this</u> glutton be:  To eat <u>the world's</u> due, <u>by</u> the grave <u>and thee</u>.</p>	<p><i>Quer-se prole às mais belas criaturas</i>  pra que <u>não</u> morra a rosa da beleza  <i>e em fenecendo as coisas já maduras</i>  um terno herdeiro <u>as lembre</u>. <b>Mas acesa</b>, §  contraí-te <u>a luz do</u> teu olhar, consumes §  teu <u>ser no ser</u> das tuas próprias <u>chamas</u>  <i>e onde há abundância crias fomes</i>,  <b>cru</b> inimigo de ti, <b>teu ser desamas</b>:  tu que do mundo és fresco ornamento  <i>que a gaia primavera arauto fez</i>,  em teu botão te enterras <u>a contento</u>  e terno avaro <u>esbanjas</u> mesquinhez:  Apieda-te do mundo, ou sê glutão.  Comas tu o devido, a cova não.</p>

Omissões = 14    mudanças lexicais = 12    *versos com alterações sintáticas* = 6    **acréscimos** = 3

Soneto I	Tradução de Jerônimo de Aquino
<p><u>From</u> fairest <u>creatures</u> we desire increase            That thereby beauty's rose might never die,            But as the <u>riper</u> should <b>by time</b> <u>decease</u>            His tender heir <u>might</u> bear his memory:            But thou, <u>contracted</u> to thine own bright eyes,  <b>Feed'st thy light's flame with self-substantial fuel,</b>  <b>Making a famine where abundance lies,</b>            Thyself thy foe, to <u>thy sweet self</u> too <b>cruel</b>.            Thou that art now the world's <u>fresh</u> ornament            And only herald to the gaudy spring,            Within thine own bud buriest thy content            And, tender churl, mak'st <u>waste</u> in <u>niggarding</u>.                Pity the world, or else this glutton be:                <u>To eat the world's due, by the grave and thee.</u></p>	<p><u>Em tudo o que há</u> mais belo, a rosa da beleza  <b>Se nos impõe, gerando</b> o anseio de aumentá-la            E, entre os <u>sêres mortais</u>, <b>a própria natureza</b>            Ao herdeiro <u>confere</u> o dom de eternizá-la            Mas tu, assim <u>concentrado</u> em teu olhar brilhante,  <b>Sem o alento de outra alma a que a tua dê abrigo,</b>  <b>Cheio de amor, negando amor a todo instante,</b>            De ti mesmo e do <u>teu encanto</u> és inimigo.            Tu, agora, <u>esplendoroso</u> ornamento do mundo            E arauto singular de alegre primavera,            Tu, botão, dentro em ti sepultas, <b>infecundo,</b>  <b>Teu gôzo e te destróis, poupando</b> o que <b>exubera</b>.                <b>Faze prole</b>, ou, glutão, em ti e na sepultura,                <u>Virá a tragar o mundo a tua formosura.</u></p>

**Omissões** = 2    mudanças lexicais = 9    *versos com alterações sintáticas* = 0    **acréscimos** = 8 + dois versos inteiros

Soneto XV	Tradução de Ivo Barroso
<p>When I consider every thing that grows  <u>Holds</u> in perfection but a little moment,            That this huge stage <b>presenteth nought but shows</b>  <b>Whereon</b> the stars in secret influence <b>comment</b>;            When I perceive that men as plants <b>increase</b>,  <u>Cheered and checked</u> even by the self-same sky,  <u>Vaunt</u> in their <b>youthful</b> sap, at height <u>decrease</u>,            And <b>wear</b> their <b>brave state</b> <u>out</u> of memory:            Then the conceit of this inconstant <u>stay</u>            Sets you most <b>rich</b> in youth before my sight,  <u>Where</u> <b>wasteful</b> Time <u>debateth</u> with Decay,            To change your day of youth to <b>sullied</b> night:                And <b>all</b> in war with Time <b>for love of you</b>,                <u>As</u> he takes from you, I <u>engraft</u> you new.</p>	<p>Quando observo que tudo quanto cresce  <u>Desfruta</u> a perfeição de um só momento,            Que neste palco imenso <u>se obedece</u>            À secreta influência do <u>firmamento</u>;            Quando percebo que ao homem, como à planta,            Esmaga o mesmo céu <i>que lhe deu glória</i>,  <u>Que se ergue</u> em seiva e, no ápice, <u>aquebranta</u>            E um dia <b>enfim</b> <u>se apaga</u> da memória:            Esse conceito da inconstante <u>sina</u>  <i>Mais jovem faz-te ao meu olhar agora</i>,  <u>Quando</u> o Tempo <u>se alia</u> com a Ruína  <i>Para tornar em noite a tua aurora.</i>                E <b>crua</b> guerra contra o Tempo <b>enfrento</b>,                <u>Pois</u> tudo que te toma eu te <u>acrescento</u>.</p>

**Omissões** = 13    mudanças lexicais = 10    *versos com alterações sintáticas* = 3    **acréscimos** = 3

<b>Soneto XV</b>	<b>Tradução de Vasco Graça Moura</b>
<p>When I consider every thing that grows  <u>Holds</u> in perfection but a little moment,  That this huge stage presenteth nought but shows  Whereon the stars in secret influence <b>comment</b>;  <u>When</u> I perceive that men <u>as</u> plants <u>increase</u>,  <u>Cheered</u> and <u>checked</u> even by the self-same sky,  <b>Vaunt</b> <u>in their</u> youthful sap, <u>at height decrease</u>,  And wear their <u>brave state</u> <u>out</u> of memory:  <b>Then</b> the conceit of this inconstant stay  Sets you most rich in youth <u>before my sight</u>,  <b>Where</b> wasteful Time debateth with Decay,  <u>To change</u> your day of youth to sullied night:  <p style="text-align: center;">And all in war with Time for love of you,  As he takes from you, I engraft you <b>new</b>.</p> </p>	<p>Quando penso que tudo quanto cresce  <i>na perfeição só breve instante avulta,</i>  que ao vasto palco só de cenas <b>desce</b> →  <b>lá</b> das estrelas a influência oculta;  <u>se</u> vejo homens e plantas <u>como anima</u>  e <u>desanima</u> o céu e em tal pujança,  à seiva jovem, <u>uma vez em cima</u>,  cai o <u>esplendor</u> <u>bem longe</u> da lembrança;  a ideia então desta inconstante estada  <i>deixa-me ver-te em glória juvenil,</i>  <i>e lutam tempo e queda a qual degrada</i>  teu jovem dia numa noite vil.  <p style="text-align: center;">Co tempo em guerra por amor de ti,  Quanto te roube eu to enxerto <b>aqui</b>.</p> </p>

**Omissões** = 6    mudanças lexicais = 9    *versos com alterações sintáticas* = 3    **acréscimos** = 3

Soneto XV	Tradução de Jorge Wanderley
<p>When I consider every thing that grows            Holds in perfection but a little moment,            That this huge stage <u>presenteth nought but shows</u>            Whereon the stars <u>in secret influence comment</u>;            When I perceive that men as plants increase,            Cheered and checked even by the self-same sky,  <u>Vaunt</u> in their youthful sap, <b>at height decrease</b>,  <b>And wear</b> their <u>brave state</u> out of memory:  <b>Then</b> the <u>conceit</u> of this inconstant stay            Sets you most rich in youth before my sight,  <b>Where wasteful</b> Time <u>debateth</u> with Decay,            To change your day of youth to <b>sullied</b> night:                And all in war with Time for love of you,                As he takes from you, I <u>engraft</u> you <u>new</u>.</p>	<p>Quando vejo que tudo quanto cresce            Só é perfeito por um breve instante            E que o palco <b>dos homens</b> <u>se oferece</u>            Aos <u>desígnios</u> dos astros <b>mais distantes</b>;  <i>Quando ao céu que ora aplaude ora reprova §</i>            Homem e planta em pleno crescimento §            Vêm <u>findar-se</u> a seiva e a <b>ainda nova</b>  <u>Glória</u> que tinham cai no esquecimento;            À <u>luz</u> de tão instável permanência  <i>Aos meus olhos mais moço te anuncias,</i>  <u>Embora juntos</u>, Tempo e Decadência  <i>Queiram mudar-te em noite o claro dia:</i>                <i>Então, por teu amor, o tempo enfrento</i>                E quanto ele te rouba, te <u>acrescento</u>.</p>

**Omissões** = 5    mudanças lexicais = 8    *versos com alterações sintáticas* = 4    **acréscimos** = 3

Soneto XV	Tradução de Jerônimo de Aquino
<p>When I consider every thing that grows            Holds in perfection but a little moment,            That this <b>huge</b> <u>stage</u> <b>presenteth nought but shows</b>            Whereon <u>the stars</u> in secret influence <u>comment</u>;            When I perceive that men as plants increase,            Cheered and checked even by the <u>self-same sky</u>,            Vaunt in their <b>youthful sap</b>, at height decrease,            And wear their <u>brave state</u> out of memory:            Then the conceit <b>of this inconstant stay</b>            Sets you most rich in youth <b>before my sight</b>,            Where wasteful Time <u>debateth</u> with Decay,            To change your <b>day of youth</b> to sullied night:                And <b>all</b> in war with Time for love of you,                As he takes from you, I engraft you new.</p>	<p>Quando penso que tudo e tudo quanto cresce            Só pode ser perfeito um rápido momento;  <i>Que <b>o mundo só ilusões, teatral, nos oferece,</b></i>            Das quais o <u>astral poder</u> é secreto <u>fomento</u>;  <i>Quando na evolução do homem, como da planta,</i>            Vejo avanço e parada, à ação do <u>mesmo ambiente</u>:            Agora a vida exulta, agora se quebranta,            E até o <u>maior primor</u> termina obscuramente...            O conceito <b>que formo</b>, então, <b>dessa ocorrência</b>            Se ajusta em vós, em cuja excelsa juventude            O Tempo destruidor <u>se alia</u> à Decadência,  <i>Para que em feia noite <b>a vida</b> vos transmude.</i>                E, em guerra com o Tempo, amando-vos, <b>decerto,</b>                O que êle de vós tira eu novamente enxerto.</p>

**Omissões** = 7    mudanças lexicais = 9    *versos com alterações sintáticas* = 3    **acréscimos** = 4

Soneto XV	Tradução de Péricles Eugênio da Silva Ramos
<p>When I consider every thing that grows  <u>Holds</u> in perfection but a little moment,  That this <u>huge stage presenteth nought but shows</u>  Whereon the stars in secret influence comment;  When I <u>perceive</u> that men as plants <u>increase</u>,  Cheered and checked even by the self-same sky,  Vaunt in their <b>youthful</b> sap, at height decrease,  And wear their brave state out of memory:  Then the <u>conceit</u> of this inconstant stay  Sets you most rich in youth before my sight,  Where <b>wasteful</b> Time <u>debateth</u> with Decay,  To change your day of youth to sullied night:            And all in war with Time for love of you,            As he takes from you, I <u>engraft you new</u>.</p>	<p><i>Se tudo quanto cresce (eu fico a meditar)</i>  <i>Apenas um momento <u>alcança</u> a perfeição;</i>  Se os astros vêm, com influência oculta, comentar §  As <u>meras peças</u> que <b>no mundo têm ação</b>; §  Se os homens <u>sei</u> que como as plantas <u>arborescem</u>  <i>E o céu que lhe dá aplauso é o céu que os vem vaiar:</i>  Gloriam-se de seiva e no ápice decrescem,  <b>Para afinal</b> êsse auge esplêndido olvidar;  Então, <u>pensando</u> nessa instável permanência,  <i>Mais jovem eu te vejo, <b>amor</b>, à minha frente,</i>  <u>Embora <b>queira</b> o Tempo, ouvindo</u> a Decadência,  Mudar teu jovem dia em noite desluzente.            <i>E, por amor de ti, em guerra o Tempo enfrento;</i>            <i>Quando êle em ti suprime, é quanto te <u>acrescento</u>.</i></p>

**Omissões** = 2    mudanças lexicais = 7    *versos com alterações sintáticas* = 6    **acréscimos** = 3

Soneto LXXIII	Tradução de Ivo Barroso
<p>That time of year thou mayst in me behold            When <b>yellow</b> leaves, or none, or few, do hang            Upon those boughs <u>which shake</u> <b>against the cold</b>,  <b>Bare</b>, <b>ruined choirs</b>, <u>where late the sweet birds sang</u>.            In me thou see'st the <u>twilight</u> <b>of such day</b>            As after sunset <u>fadeth</u> in the west,            Which by and by black night doth <u>take away</u>,            Death's <u>second self</u>, that seals up all <b>in rest</b>.            In me thou <u>see'st</u> the glowing of <b>such</b> fire            That on the ashes of his <u>youth</u> doth lie            As the death-bed whereon it must expire,            Consumed with that which it was nourished by.                This thou perceiv'st, which makes thy love strong                To love <b>that well</b> which thou must <u>leave ere long</u>.</p>	<p>Em mim tu podes ver a <b>quadra fria</b>            Em que as folhas, já poucas ou nenhuma,            Pendem do ramo <u>trêmulo</u> onde havia  <u>Outrora ninhos e gorjeio e plumas</u>.            Em mim contemplas essa <u>luz que apaga</u>            Quando no poente o dia <u>se faz mudo</u>            E pouco a pouco a negra noite <u>o traga</u>,  <u>Gêmea</u> da morte, que cancela tudo.            Em mim tu <u>sentes</u> resplender o fogo            Que <b>ardia</b> sob as cinzas do <u>passado</u>            E num leito de morte expira logo  <i>Do quanto que o nutriu ora esgotado.</i>                Sabê-lo faz o teu amor mais forte                Por quem em breve há de <u>levar a morte</u>.</p>

**Omissões** = 8    mudanças lexicais = 9    *versos com alterações sintáticas* = 1    **acréscimos** = 2

Soneto LXXIII	Tradução de Jorge Wanderley
<p>That <u>time of year</u> thou mayst in me behold            When <u>yellow</u> leaves, <b>or none</b>, or few, do hang            Upon those boughs <u>which shake</u> <b>against</b> the cold,  <b>Bare</b>, ruined choirs, <b>where</b> <u>late</u> the <b>sweet</b> birds <b>sang</b>.            In me thou see'st the twilight of such day  <b>As after sunset</b> <u>fadeth</u> in <b>the west</b>,            Which by and by <b>black</b> night doth <u>take away</u>,            Death's <u>second self</u>, that seals up all in rest.            In me thou see'st the <u>glowing of such fire</u>            That on the ashes of his youth <u>doth lie</u>            As the death-bed whereon it must expire,            Consumed with that which it was nourished by.                <b>This</b> thou perceiv'st, which makes thy love strong                To love <b>that well</b> which thou must leave ere long.</p>	<p>Podes em mim ver o <u>tempo</u> <b>sombrio</b>            Das poucas folhas <u>secas</u> que pendentes            Tremem nos ramos <u>trêmulos</u> de frio,            Coro em ruína, os pássaros <u>ausentes</u>.            Em mim a luz que se desfaz do dia            E no ocaso <u>se extingue e encontra</u> <b>pouso</b>            E ao qual a noite aos poucos <u>alicia</u>,            Morte <u>segunda</u>, que em tudo é repouso.            Em mim tu vês <u>a chama ainda a arder</u>:            Na juventude em cinzas, <b>quase</b> <u>expira</u>            No último leito — onde ela vai morrer            Consumida naquilo que a nutriria.                <b>Tudo</b> o que vês, mais forte amor preserve                No amor a quem tu vais deixar em breve</p>

**Omissões** = 11    mudanças lexicais = 9    *versos com alterações sintáticas* = 0    **acréscimos** = 4

Soneto LXXIII	Tradução de Vasco Graça Moura
<p>That time of year thou mayst in me behold            When <u>yellow</u> leaves, <b>or none</b>, <b>or</b> few, do hang            Upon those boughs which shake against the cold,            Bare, ruined <u>choirs</u>, where late the sweet birds <u>sang</u>.            In me thou see'st the twilight of such day  <b>As after</b> sunset fadeth in the west,            Which by and by <b>black</b> night doth <u>take away</u>,            Death's second self, that seals up all <b>in rest</b>.            In me thou see'st the glowing of such fire  <b>That on the</b> ashes of <b>his</b> youth <u>doth lie</u>            As the death-bed whereon it must <u>expire</u>,            Consumed with that which it was nourished by.                This thou perceiv'st, which makes thy love <u>strong</u>                To love that well which thou must leave ere long.</p>	<p><i>Em mim vês a estação em que se inclina            a folhagem <u>sem cor</u>, já pouca, em ramos,            lá onde os frios <u>claustros</u> são ruína §            e os pássaros tardios <u>escutamos</u>.</i>            Em mim vês lusco-fusco de tal dia,  <i>quando a oeste o sol se queda <b>mudo</b></i>            e a noite a pouco e pouco <u>o abrevia</u>,            segundo ser da morte a selar tudo.            Em mim vês que esse fogo bruxuleia,            cinza da juventude <u>que caiu</u>,            como o leito de morte em que <u>se alheia</u>,            onde o consome o que antes o nutriu.                Isto vês, para amar <u>mais</u> te fazer                amar bem o que em breve vais perder.</p>

**Omissões** = 7    mudanças lexicais = 7    *versos com alterações sintáticas* = 5    **acréscimos** = 0

Soneto LXXIII	Tradução de Jerônimo de Aquino
<p>That time of year thou mayst in me behold            When <b>yellow</b> leaves, or none, or few, do hang            Upon those boughs which shake against the cold,  <b>Bare, ruined</b> choirs, <b>where late the sweet</b> birds <u>sang</u>.            In me thou see'st the <u>twilight of such day</u>            As after sunset <u>fadeth in the west,</u>  <b>Which by and by black</b> night <b>doth take away,</b>            Death's second self, that seals up all in rest.            In me thou see'st <u>the glowing</u> of such fire            That on the ashes of <u>his</u> youth doth lie            As the death-bed whereon it <u>must expire,</u>  <b>Consumed</b> <u>with that which it was nourished by.</u></p> <p style="padding-left: 40px;"><u>This thou perceiv'st,</u> which makes thy love <u>strong</u>  <u>To love that well which thou must leave ere long.</u></p>	<p><i>Em mim poderás ver <b>impressa</b> a estação do ano</i>            Em que fôlha nenhuma ou pouca se pendura            Nos galhos que sacode o vento frio e <b>insano,</b>            Coros da passarada, <b>ermos, em desventura;</b>            Em mim poderás ver essa mesma <u>tristeza</u>  <u>Da tarde,</u> quando o Sol <u>no horizonte agoniza,</u>            Quando a noite, outra morte, <b>envolve a Natureza</b>  <b>De trevas</b> e em repouso a fecha e paralisa.            Em mim poderás ver <u>quão forte</u> era êsse fogo,  <i>Que nas cinzas deixou a <u>minha</u> mocidade,</i>            Como em leito mortuário, onde ela <u>se esfez logo,</u>  <u>Com tudo quanto a punha em plena atividade;</u></p> <p style="padding-left: 40px;"><u>E, em face dêsse quadro,</u> amor <u>maior</u> terás  <u>Ao que hoje inda estás vendo e amanhã não verás.</u></p>

**Omissões** = 9   mudanças lexicais = 11   *versos com alterações sintáticas* = 2   **acréscimos** = 7

Soneto CXXXVIII	Tradução de Ivo Barroso
<p>When <i>my love</i> swears that she is made of truth,            I do believe her, <b>though</b> I know she lies,            That she <u>might think</u> me some untutor'd youth,            Unlearned in the world's false <b>subtleties</b>.            Thus vainly <u>thinking</u> that she thinks me young,            Although she knows my days <u>are past the best</u>,            Simply I <u>credit</u> her false-speaking tongue:            On both sides thus is simple truth <u>supprest</u>.            But wherefore says she not she is unjust?            And wherefore say not I that I am <u>old</u>?            O! love's <b>best</b> <u>habit</u> is in seeming <u>trust</u>,            And <u>age in love</u> <b>loves not</b> to have years told:                Therefore I lie with her, and she with me,                And in our faults <b>by lies</b> we flatter'd be.</p>	<p>Quando jura ser feita de verdades,  <i>Em minha amada</i> creio, e sei que mente,  <u>E passo assim</u> por moço inexperiente,            Não versado em mundanas <b>falsidades</b>.            Mas <u>crendo</u> em vão que ela me crê mais jovem            Pois sabe bem que o tempo meu <u>já minguava</u>,            Simplesmente <u>acredito</u> em falsa língua:  <i>E a patente verdade os dois removem</i>.            Por que razão infiel não se diz ela?            Por que razão também escondo <u>a idade</u>?            Oh, <u>lei</u> do amor fingir <u>sinceridade</u>            E <u>amante idoso</u> os anos não revela.                Por isso eu minto, e ela <b>em falso jura</b>,                <i>E sentimos lisonja na impostura</i>.</p>

**Omissões** = 5    mudanças lexicais = 9    *versos com alterações sintáticas* = 3    **acréscimos** = 2

Soneto CXXXVIII	Tradução de Vasco Graça Moura
<p>When <b>my love</b> swears that she is <u>made of truth</u>,                      I do believe <u>her</u>, though I know she lies,                      That she might think me some <u>untutor'd</u> youth,                      Unlearned in the world's <u>false subtleties</u>.                      Thus vainly thinking that she thinks me young,                      Although she knows my days are past the best,  <b>Simply</b> I <u>credit</u> her false-speaking tongue:                      On both sides thus is <b>simple</b> truth <u>supprest</u>.                      But wherefore says she not she is unjust?                      And wherefore say not I that I am <u>old</u>?                      O! love's <b>best</b> habit is in seeming trust,                      And age in love <u>loves not</u> to have years told:                      Therefore I lie with her, and she with me,                      And in <u>our faults</u> by lies we flatter'd be.</p>	<p>Ao jurar-me ela seu <u>fiel amor</u>,  <u>palavra</u> que acredito e sei que mente;                      deve pensar-me um jovem <u>sem tutor</u>,  <i>nos <u>enganos</u> do mundo <u>inexperiente</u>.</i>                      Assim, pensando em vão que me crê jovem,                      saiba embora já fui melhor do que hoje,                      as suas falas falsas <u>me comovem</u>  <i>e a verdade de parte a parte <u>foge</u>.</i>                      Mas porque não dirá ser ela injusta?                      Porque não digo minha <u>idade avança</u>?  <i>No amor, idade e anos dizer <u>custa</u> §</i>  <i>e é costume de amor fingir <u>confiança</u>. §</i>                      Deitamo-nos, mentimos, mente, minto.                      Mentir <u>em culpa</u> é-nos lisonja, <b>sinto</b>.</p>

**Omissões** = 4    mudanças lexicais = 9    *versos com alterações sintáticas* = 4    **acréscimos** = 1

Soneto CXXXVIII	Tradução de Jorge Wanderley
<p>When my love swears that she <u>is made of truth</u>,            I do believe her, <b>though</b> I know she lies,            That she might think me some untutor'd youth,            Unlearned in the world's false <b>subtleties</b>.            Thus <b>vainly</b> <u>thinking</u> that she thinks me young,            Although she knows <u>my days are past the best</u>,            Simply I <u>credit</u> her false-speaking tongue:            On both sides thus is simple truth suppress.            But wherefore says she not she is unjust?  <b>And wherefore</b> say not I that I am old?            O! love's <u>best habit</u> is in <u>seeming</u> trust,            And age in love <b>loves not</b> to have years told:                Therefore I lie with her, and she with me,                And in our faults by lies we <u>flatter</u>'d be.</p>	<p>Jurando o meu amor <u>sinceridade</u>,            Creio nela — sabendo que ela mente;  <i>Que ao tolo me compare, à mocidade</i>            Ante este falso mundo, inexperiente.  <u>Deixo-me crer</u> que me imagina moço,            Mesmo se saiba em si que <u>já declino</u>;            Às mentiras que diz, <u>dou meu endosso</u>:  <i>E o Real, nos dois lados, elimino.</i>            Mas por que nega ela que é injusta?            E eu nego em minha idade <b>os desenganos</b>?            No amor, <u>parecer firme</u> é <u>coisa justa</u>,            No amor a idade não se conta os anos.                E assim, mente um ao outro, <b>e está perfeito</b>,                <i>Que as mentiras nos <u>douram</u> os defeitos.</i></p>

**Omissões** = 5    mudanças lexicais = 7    *versos com alterações sintáticas* = 3    **acréscimos** = 2

Soneto CXXXVIII	Tradução de Jerônimo de Aquino
<p>When my love swears that she <b>is made of</b> truth,  I do believe her, though I know she lies,  That she might think me some untutor'd <b>youth</b>,  Unlearned in the world's false subtleties.  Thus vainly thinking that she thinks me young,  Although she knows my days <u>are past the best</u>,  Simply I <u>credit</u> her false-speaking tongue:  <u>On both sides</u> thus is <b>simple</b> truth <u>supprest</u>.  But wherefore says she not she is <u>unjust</u>?  And wherefore say not I that I am old?  O! love's <u>best habit</u> is in seeming <u>trust</u>,  And age in love loves not to have years told:            Therefore I lie with her, and she with me,            <b>And in our faults by lies we flatter'd be.</b></p>	<p>Quando ela, o meu amor, jura ser verdadeira,  Eu acredito que ela, ainda que ela minta,  Me poderá julgar ingênuo, <b>de maneira</b>  Que as artes mundanais, porque sutis, <b>não sinta</b>.  Assim, julgando em vão que ela me julgue môço,  Embora saiba que os meus dias <u>vão murchando</u>,  Hei de <u>crer-lhe</u> falaz a língua, <b>quando lha ouço</b>.  E a verdade, então, vai <u>cada um de nós falseando</u>.  Mas por que ela não diz que <u>mente a meu respeito</u>?  E por que não digo eu minha idade avançada?  Porque <u>é bom</u> parecer o amor sempre <u>insuspeito</u>,  Porque a velhice, em amor, não ama ser contada.            Assim, a ela minto eu, como ela mente a mim,            <b>E vamos a tecer nossa ventura assim.</b></p>

**Omissões** = 4    mudanças lexicais = 7    *versos com alterações sintáticas* = 0    **acréscimos** = 4